

Coioete

Rafael Cunha de Almeida

4 de junho de 2010

I

Esta é a história de como eu matei Paulo Fernandes de Assis. Não pensem que já matei outras vezes, ou sequer que eu seja um cara violento. Eu simplesmente conheci Paulo.

Distante vejo um celular abandonado num ponto de ônibus. Paulo, mais próximo, pega o telefone antes que eu tenha tempo de chegar. Ouço a conversa:

- 50 reais na minha conta para você vê-lo de novo.

- É isso. Senão nem compensa para mim. – continua Paulo ao telefone.

Isso me indigna:

- Ei! Larga mão de ser vigarista! Me dê o telefone que eu devolvo sem cobrar nada.

- Vá cuidar da sua vida! – responde andando em direção a um carro.

- Volta aqui, me dá esse telefone! – tento tomar a força, mas ele esquiva e entra em um golf.

- Para de encher meu saco, seu viado.

Placa GZT-3360. Placa GZT-3360. Placa GZT-3360.

Fui ao site do detran; vi que ele tinha algumas multas, mas isso era previsível. Foi apenas através da minha amiga Gabriela, funcionária da bhtrans, que eu consegui o nome do proprietário. Acho que ela poderia até encontrar o endereço, mas não quis me dar. Paulo Fernandes de Assis. O nome se encaixa muito bem à figura.

Lembro-me que o ocorrido fora próximo a uma agencia de publicidade. Que emprego lhe cairia melhor? Uma pessoa sem remorso, sem coração, sem vida. Deve mesmo trabalhar como cafetão. A forma que os cafetões encontraram de se manter na legalidade. Onde podem comprar corpos e vender sonhos. Comprar almas, vender imagem. É certo que o demônio é publicitário.

II

Em um dia de semana, quase um mês depois do ocorrido, me encontrei próximo à agência. GZT-3360, corta pela direita um golf. Grito pela janela enquanto vejo o carro, que parece incapaz de frear, acertando o sinal. Não houve atropelamento. Paulo, meio atordoado, parece bem. Liguei para uma ambulância. Poderíamos estar todos mortos agora. Grandíssimo inconsequente!

Muita gente aglomera ao redor do carro, mas não fazem muito. Devem todos conhecê-lo. Contrariando minhas vontades eu resolvo ajudar. Pergunto se está tudo bem.

- Está, só meu braço dói um pouco.

- Não mexa muito. Por que você estava tão rápido?

- Eu queria frear, mas acho que meu carro estava com algum problema.

- Fique quieto, a ambulância já está no caminho. Você quer que eu ligue para alguém da sua família?

- Não há para quem você possa ligar agora. Além do mais, acho que foi só o susto mesmo.

Pouco depois de minhas palavras reconfortantes chegou a ambulância. Como até a família tinha abandonado o infeliz, me senti compelido a pelo menos ir até o hospital ver se estava tudo bem.

No Madre Tereza ficamos algumas horas, mas ele teve apenas uma micro-fratura no braço esquerdo. Eu dei carona para ele voltar para casa, mas no caminho não conversamos muito. Ele ficou no telefone resolvendo os problemas com a seguradora. Achei melhor assim, não queria muito conversar com ele.

Como alguém deixa o carro sem revisão a ponto de colocar em risco a própria vida e de outras pessoas? Estou sendo amigo até demais de levá-lo para casa. Ele é uma ameaça social.

III

Algumas semanas mais tarde passei pela casa de Paulo. Não planejei passar, só fazia parte de meu caminho. Não fiquei tão surpreso quando vi que em um dos cômodos da casa iniciava-se um incêndio. De certo que Paulo tinha ligações elétricas mal feitas, vários aparelhos na mesma tomada; alguma dessas coisas que homens do tipo dele costuma fazer. Liguei para os bombeiros. Aposto que a ligação elétrica da casa dele é gato, tomara que peguem, multem. Que ele pague por todos os danos que causa. Dessa vez eu me ative a chamar os bombeiros. Seja do morador da casa o que quer a sorte.

A idéia de que algo terrível pudesse ter acontecido acabou consumindo minha consciência. Comprei umas cervejas, mas não me relaxava o suficiente. O que eu precisava mesmo era de um bom baseado. Fui ao morro do papagaio, onde já conhecia algumas pessoas que poderiam me ajudar. Fiz minhas compras e voltei para casa.

Nunca fumar foi tão prazeroso, ali esqueci meus problemas, meus remorsos, minha rotina. A vida poderia ter acabado naquele momento que eu não notaria, qualquer vida. No entanto, no dia seguinte ela continuou, como sempre continua; a mesma de sempre.

Nesse novo dia eu precisava saber se estava tudo bem com Paulo. Fui à casa dele. Parece que o fogo não havia destruído muito a casa. Vejo ele saindo de táxi, não vejo nenhum ferimento, nenhum sinal de queimaduras. Resolvo segui-lo.

O destino dele é um bar. Acho muito estranho como ele para o táxi alguns metros antes do bar, em uma rua um tanto escondida. Ele está traindo a namorada. Acho que ele prefere olhar a redondeza na busca de segurança para praticar sua imoralidade.

Por curiosidade, eu resolvi assistir a casa dele por algumas semanas. Gostaria muito de ajudar essa namorada que ele trai. Não sei porque, ela nunca está na casa dele. Ele, toda sexta, repete esse mesmo ritual do táxi. Todo homem tem a sua rotina, por mais inescrupuloso que seja, quando é tempo de roubar, se rouba; quando é hora de dormir, se dorme. Conhecer o dia seguinte é a bengala necessária ao equilíbrio de qualquer homem, seja de bem ou de mal.

IV

Uma sexta-feira qualquer meus fantasmas voltam, como sempre acontece. Não são precisos como um relógio, não é toda sexta; mas há sempre um dia. São operadores de projetor que passam o filme da minha memória nos fundos do meu cérebro, onde eu só posso sentir. Ah, mas que vida é essa que eu levo! Preciso de um trago ou qualquer coisa que me dê um pouco de paz. Volto ao morro naquele dia.

Um pouco mais faminto eu resolvo ir ao bar que Paulo sempre vai. Estou com muita fome e não consigo tirar da cabeça aquela picanha que servem por lá. Vou sentar próximo a Paulo, penso. Ouço as mentiras que ele tem a dizer a quem ele senta todas as sextas.

Por coincidência, chego junto do táxi. Paro meu carro na rua e vejo Paulo descendo. Pouco depois dele começar sua caminhada um sujeito mal encarado resolve atacar Paulo com uma faca. Ladrão que rouba ladrão tem 100 anos de perdão, penso.

Estava gostando de ver Paulo perder o dinheiro que pagaria sua amante, mas o portador de faca resolve utilizar sua arma. Decidi intervir. Gritei:

- Deixe ele em paz! Leve suas coisas, mas não sua vida! – o ladrão me olha com uma cara de espanto. Foi um dos olhares mais estranhos que já deparei. Não era só espanto, tinha mais alguma coisa ali, alguma familiaridade, não sei.

Acho que meu olhar estava particularmente ameaçador aquele dia, porque o ladrão de Paulo saiu correndo. Eu fiquei para socorrer meu inimigo. Como sempre faço.

Descendo naquele beco para ir ao bar, não podemos dizer que ele é completamente inocente nessa história. Mesmo assim, não achei que ele merecia a morte por isso. Ajudei-o a entrar no meu carro. Tirei minha camisa e amarrei no braço dele para não sujar meus assentos de sangue. Ele me reconheceu:

- Você não é aquele mesmo cara que me ajudou quando eu bati o carro?

- É verdade! – fingi surpresa – Parece até que sou seu anjo da guarda.

- Aquele acidente com meu carro foi meio estranho. De alguma forma acabou todo fluido do meu freio... Eu tinha feito a revisão do carro há poucos dias! Estou processando a concessionária, eles quase me mataram!

- E como está esse seu braço aí?

- Acho que não foi muito fundo o corte. Não está doendo tanto assim. Deve ser a adrenalina também.

Dessa vez nós conversamos um pouco. Fiquei sabendo que a mãe dele mora no sul de Minas Gerais e que ele mora aqui sozinho. Ele formou-se em Belo Horizonte e tem trabalhado desde então. Eu queria perguntar porque ele saía do táxi metros antes do bar, mas não consegui pensar em como fazer a pergunta sem falar que eu vinha seguindo-o.

V

Depois daquele dia eu comecei a analisar seriamente o que estava acontecendo com Paulo. Ele já deveria ter morrido diversas vezes, eu era realmente o anjo da guarda dele. Eu não deveria ter tal poder. E, se eu fosse ser anjo da guarda, por que seria de alguém tão sem ética como ele? Não, eu não podia continuar com isso, ele é uma ameaça para toda sociedade. Existe um motivo pelo qual Deus não queria mais ele por aqui.

Não há como me ligarem a ele. Em nenhuma das vezes eu deixei meu nome no hospital e, fora isso, não há qualquer outra ligação entre nós dois. Eu poderia matá-lo de qualquer forma que ninguém jamais descobriria.

Eu pensei em matá-lo com uma bomba. Havia aprendido a fazer uma bomba alguns anos atrás – não é tão complicado quanto parece – e nunca tinha tido a disposição de usá-la em alguma pessoa. Me pareceu a oportunidade ideal.

Fiz um pacote, escrevi o nome da mãe dele como o remetente e enviei. Fiquei vigiando a casa dele, à espera do meu presente. Ficava o dia inteiro, ficava de manhã até a noite. Vi o carro dele voltando do conserto, vi até que agora uma mulher as vezes dormia na casa dele, vi ele se desfazendo de alguns móveis chamuscados.

Finalmente, depois de uma semana, chegou o meu presente. Ele foi até a caixa de correio e pegou meu pacote. Entretanto, ele não parecia muito satisfeito com o presente. Só ele mesmo para desconfiar da própria mãe. Fazia uma expressão de dúvida enquanto olhava a embalagem de vários ângulos.

Colocou a bomba em seu carro e começou a fazer um caminho diferente; não era o caminho para seu trabalho. Será que ele desconfiou de algo? Será que ele sabe que o estou seguindo? Para onde ele vai? No meio do caminho ele parou e jogou o pacote fora em um lixo.

Eu resolvi parar o carro e ir buscar o pacote no lixo. Como alguém pode jogar fora uma encomenda da própria mãe sem nem abri-la?

A rua estava muito congestionada, demorei um pouco para parar o carro e atravessar a rua. Antes de chegar no lixo um catador de papel já tinha colocado o pacote em seu carrinho. Fiquei nervoso. E agora? E se essa bomba explodir? Será que há como chegar até mim? Que maldito catador de papel!

_ Ei! Esse pacote é meu! – gritei para o catador.

_ Estava no lixo, agora é meu. – ele respondeu.

Fiz uma investida para pegar o pacote no carrinho dele, mas ele me empurrou. Algumas pessoas começaram a notar que havia alguma confusão ali. Achei melhor voltar para o meu carro.

Agora além de tudo eu ainda tinha discutido sobre a minha bomba com o catador de papel. Só piorei minha situação. O que eu posso fazer agora?

VI

O catador continuou sua lenta jornada. Seguiu mais uns metros à frente e parou no sinal vermelho do lado de um golf. Pegou uma pilha de papelão que estava

6

na calçada e jogou em seu carrinho. A explosão foi instantânea. GZT-3360.
Nós matamos Paulo Fernandes de Assis.